# A importância do entorno para a felicidade: evidências empíricas da literatura econômica

Abilio Henrique Berticelli de Freitas\* Stefano Florissi\*\*

#### Resumo

Busca-se, na literatura empírica, evidências de como variáveis econômicas, institucionais e contextuais influenciam a felicidade dos indivíduos. Após comentar sobre os fundamentos metodológicos e comportamentais que dão sustentação ao artigo, os autores dividem as subseções de acordo com variáveis temáticas. O principal resultado que se sobressai ao longo de todo o trabalho é a importância daquilo que nos cerca para o nosso bem-estar.

Palavras-chave: Bem-estar. Felicidade. Fellow-feeling. Contexto. Ambiente.

http://dx.doi.org/10.5335/rtee.v26i54.11778

Submissão: 25/10/2020. Aceite: 19/04/2021.

Bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS e mestrando em Economia e Gestão Pública pela Université de Montpellier (França). E-mail: abiliofreitas2@ gmail.com

Doutor em Economia pela University of Illinois at Urbana Champaign (EUA) e professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS. E-mail: florissi01@gmail.com

### Introdução

O presente artigo tem por objetivo explorar as relações entre diversas variáveis econômicas, contextuais e institucionais e a felicidade. Explora-se variáveis como idade, tamanho da cidade em que se vive, desemprego, inflação, renda, desigualdade, crescimento econômico, democracia, instituições que propiciam participação popular, *status* civil, prática de caridade e voluntariado. De forma geral, quais são os fatores que costumam influenciar o bem-estar subjetivo? Particularmente, qual o papel do entorno para a felicidade?

A investigação é feita a partir da literatura teórica e empírica. Busca-se elaborar observações que conectem os resultados obtidos, procurando criar um fio condutor que propicie uma visão panorâmica de como a felicidade pode ser afetada por fatores endógenos e exógenos ao indivíduo. Assim, começamos com uma seção destinada a discorrer sobre a medição subjetiva da felicidade, sobre alguns *insights* da Economia Comportamental e sobre a conceituação e a origem do *fellow-feeling*. A partir disso, investigam-se então as correlações entre as variáveis, divididas por seções, e a felicidade.

Antes de iniciar, vale ressaltar que existe certo debate sobre o uso de termos como "felicidade", "satisfação" e "bem-estar", girando em torno de qual deles seria o mais apropriado em cada situação. Existem visões bem distintas entre si, de modo que não se escolheu nenhum dos termos exclusivamente, usando-os de forma intercambiável. Além disso, para fins de simplificação, são usados os termos "estar feliz" e "ser feliz" indistintamente.

## Felicidade e comportamento: fundamentos

O uso de medidas subjetivas de satisfação como uma *proxy* para a utilidade se mostra uma ferramenta importante, na linha de que a própria pessoa é a melhor juíza de sua própria felicidade. Conforme Ferrer-i-Carbonell (2013), medidas como "0-10" ou "muito ruim-muito bom" para responder a perguntas como "quão feliz você está com a sua vida?" são consistentes na medida em que se observa empiricamente que a maior parte das pessoas as interpreta de forma semelhante — os indivíduos conseguem prever bem o nível de satisfação que determinada pessoa sente a partir de observações dela, por exemplo. Conforme Ribeiro (2015), é sólida

a evidência de alta correlação entre mensurações objetivas, subjetivas e mistas, sendo as mensurações subjetivas as mais utilizadas por serem as mais factíveis em estudos de larga escala. Segundo Graham e Felton (2006), os economistas, ao utilizarem a abordagem do bem-estar subjetivo, têm encontrado padrões consistentes dentro de um país e entre países, ao passo que os psicólogos têm encontrado consistência nas respostas a esses questionários, com relação a medidas psicológicas de bem-estar — há alta correlação entre satisfação autorreportada e medidas psicológicas mais objetivas de felicidade, como a quantidade de sorrisos durante um questionário ou as mudanças nos músculos faciais.

Um ponto chave que aparece em Ferrer-i-Carbonell (2013) é a preferência por utilizar dados em painel em vez de dados *cross-section*, que deixam o pesquisador suscetível ao humor do entrevistado – seu carro pode ter quebrado no dia da entrevista – e também a fatores não observados da personalidade das pessoas – alguns indivíduos são mais felizes que outros independentemente de qualquer variável (GRAHAM; FELTON, 2006). Usando-se dados em painel, acompanha-se o mesmo indivíduo por vários anos, dessa forma isolando características pessoais não observadas e diminuindo esses fatores não observados como um todo, ao avaliar, de fato, a mudança provocada na felicidade do indivíduo devido aos acontecimentos que têm lugar em sua vida, abordagem chamada de *individual fixed effects* (FERRER-I-CARBONELL, 2013). Usar dados em painel parece ser, de fato, melhor, apesar da dificuldade de isolar o fator "idade/experiência", já que remove esses efeitos de endogeneidade.

Kahneman (2012) aborda as heurísticas de decisão e a forma sistematicamente equivocada como raciocinamos sobre determinados temas. Conforme Thaler (2019), é possível catalogar diversas anomalias em relação à visão tradicional das ciências econômicas: a dificuldade de ter autocontrole e força de vontade, a existência de custos afundados (continuar fazendo alguma coisa apenas por já ter investido tempo ou dinheiro demais nela, mesmo que isso não seja racional e traga um resultado pior do que deixar de fazê-la), os comportamentos desviantes observados quando as pessoas sentem estar sendo tratadas de forma injusta, o efeito posse, o enquadramento estreito e a contabilidade mental (que faz com que o orçamento seja dividido em categorias que não se cruzam, em contraste com a teoria racional, que diz que o dinheiro é fungível, ou seja, não tem rótulos).

A aversão ao risco se manifesta pela magnitude maior de perda de felicidade quando se cai para um nível inferior em alguma coisa boa do que o ganho de felicidade quando se sobe esse nível – também conhecida como assimetria entre ganhos e perdas (SMITH, 2018). Quanto à informação, Loewenstein (2006) nota que nem sempre as pessoas desejam informação completa. Uma vez que se deriva utilidade da informação, evitá-la pode ser uma opção, mesmo quando for gratuita e útil para a tomada de decisão. Dois exemplos citados pelo autor seriam quando as pessoas evitam ser testadas para doenças por medo de receber um diagnóstico negativo e os investidores, que preferem olhar o valor do seu portfólio de investimentos quando o mercado está em alta. Como aponta Thaler (2019), fatores supostamente irrelevantes não importam para Econs racionais, mas são definitivos para Humanos.

A maioria dos experimentos em Neurociência Cognitiva usa escolhas hipotéticas a fim de entender o comportamento e a atividade cerebral durante as escolhas reais que as pessoas fazem. De acordo com Camerer e Mobbs (2017), após revisão das similaridades e diferenças entre os processos hipotéticos e reais da mente, muitas vezes tarefas (ou jogos) de escolha hipotética pintam um quadro incompleto da atividade cerebral e do comportamento durante escolhas reais. Algumas dessas diferenças podem estar ligadas a como um objeto é apresentado num teste (ex.: uma imagem em 2D comparada a um objeto real; a diferença entre ver uma tarântula em uma imagem ou vê-la subindo pela calça é que, embora em ambos os casos a sensação de medo esteja presente nas mesmas regiões cerebrais, a atividade será mais intensa e espalhada no segundo caso, assim como ativará outros circuitos neurais, como a preparação motora para o movimento).

No caso de escolhas morais, observou-se que quando elas são hipotéticas, os indivíduos agem mais de acordo com um ideal moral, enquanto que na prática nem sempre o fazem. O mesmo foi observado na tomada de decisões econômicas, em que escolhas puramente hipotéticas fazem aflorar altruísmo, cooperação e paciência, comportamentos socialmente desejáveis, em nível maior do que em situações reais. Os autores comentam ainda sobre a existência de viés de projeção em escolhas futuras – tema que será mais tratado quando falarmos do consumo de drogas –, como se comprometer com uma palestra daqui a um mês, escolher uma faculdade ou decidir engravidar. As consequências são reais, contudo o cérebro as trata de forma similar a escolhas hipotéticas de início – isso também ocorre quando um indivíduo não planeja sua aposentadoria ou não se prepara para possíveis reveses, como desemprego e doenças severas¹ (CAMERER; MOBBS, 2017).

Janotik (2012) investiga como a interação social leva à felicidade, ao analisar os monastérios beneditinos. Ele se concentra na região da Bavária, de Baden-Württemberg, e a parte falante de alemão da Suíça, região que compreende 133 monastérios, caracterizados por sua estabilidade, que os faz durar por séculos – a média de idade deles na região é de cerca de 600 anos. A hipótese é de que o sucesso dos monastérios advém da criação de um bom ambiente para interação social e vida em comunidade. Segundo Povey (2015), a felicidade é infecciosa. Esse efeito-contágio é mais forte com colegas de trabalho, vizinhos e membros da família – em grupos menores e mais íntimos, entre aquelas pessoas que têm um histórico de repetidas interações. Adam Smith dizia que as pessoas derivam prazer da simpatia mútua e do fellow-feeling (transmissão de emoções de uma pessoa para outra, através da empatia).

Os neurônios-espelho copiam emoções e imitam comportamentos (como quando começamos a rir apenas por ver outra pessoa rindo, sem nem saber do que se trata). Adam Smith enfoca que essa faceta de "unidade de sentimento" provoca reação imediata de prazer em ambos os indivíduos. Ler um poema para alguém que o apreciará provoca prazer, mesmo que você mesmo já tenha lido o tal poema centenas de vezes. O monastério, portanto, funciona como uma grande rede de empatia (JANOTIK, 2012). Adiciona-se a esta equação o fator religiosidade; é comprovado que tanto a religiosidade externa (frequência à igreja, por exemplo) quanto a religiosidade interna (crença em Deus, por exemplo) estão positivamente correlacionadas com a felicidade (ARGOLO; ARAÚJO, 2004). Do ponto de vista administrativo, todos os monges têm participação nas decisões importantes e a empatia criada entre eles faz com que todos desejem a prosperidade do monastério e deem o seu melhor para tal (não há o problema do agente-principal, o que ajuda a explicar a quase inexistência de falências).

Para Godman, Nagatsu e Salmela (2014), fazer atividades com outras pessoas, em vez de fazê-las sozinho, cria valor adicionado em termos de satisfação derivada dessas atividades. A "concordância de sentimentos" é positiva em si própria, independente de qual for o sentimento que as duas pessoas tenham em comum; o fellow-feeling aviva a alegria e alivia a dor. As pessoas se sentem bem pertencendo a grupos e, através do fellow-feeling, passam não só a ter a motivação para pertencer a um grupo, mas também a motivação para seguir determinadas normas e procedimentos convencionais adotados por aquele grupo, que reforçarão o senso de

pertencimento e o bem-estar. Atender às expectativas do grupo se torna um motivador (GODMAN; NAGATSU; SALMELA, 2014).

Smith (2018) eleva o *fellow-feeling* ao patamar de base evolucionária da sociabilidade humana e provedor de fundamento experimental para a nossa conduta seguidora de regras. Todos experimentamos os benefícios ou malefícios das ações das outras pessoas e, considerando o contexto, julgamo-las com base em sua intencionalidade. As outras pessoas fazem o mesmo, aprovando ou desaprovando nossas ações com base naquilo que essas ações as fazem sentir. Desse modo, somos movidos a nos vermos do modo como as pessoas nos veem. Esse aspecto espelhador faz com que escapemos de tentações de amor próprio que possam prejudicar outros, de acordo com o autor.

### Felicidade como variável dependente

#### Variáveis gerais: idade, drogas e saúde

A relação entre idade e felicidade é um pouco nebulosa. Há pesquisas que sustentam que pessoas mais jovens são mais felizes e há pesquisas que sustentam o contrário. Algumas pesquisas indicam que a felicidade se relaciona com a idade em forma de U, de sorte que ela é decrescente até certa idade e então passa a aumentar até o fim da vida (OSWALD, 1997; CORBI, 2007; RIBEIRO, 2015; RIBEIRO; MA-RINHO, 2017), que é a abordagem com maior apelo intuitivo. Conforme sustentam Graham e Felton (2006), o ponto mais baixo de felicidade se dá, em média, aos 51 anos, no caso da América Latina, e no início dos 40 anos, no caso de Estados Unidos e Europa. Para Dias, Schumacher e Almeida (2010), o vale da relação entre felicidade e idade se dá entre 51 e 65 anos, enquanto que, para Corbi (2007), esse vale se dá em cerca de 35-45 anos. Pessoas que vivem no mundo rural, tudo o mais constante, são mais felizes que pessoas que vivem na cidade grande, possivelmente devido ao menor nível de stress. As pessoas são mais felizes em cidades menores (GRAHAM; FELTON, 2006). Homens com educação de nível universitário tendem a ser mais felizes (FREY; STUTZER, 2000; RIBEIRO, 2015). Dias, Schumacher e Almeida (2010) também encontraram correlação positiva entre nível de escolaridade e felicidade, apesar de Corbi (2007) pedir cautela quanto a qualquer conclusão definitiva.

Quanto à relação entre o uso de drogas e a felicidade, Moschion e Powdthavee (2018) concluem, usando dados de satisfação com a vida para estudar a utilidade e a dinâmica do bem-estar dos usuários de drogas na Austrália, que os indivíduos se tornam significativamente menos satisfeitos com a vida nos 6 meses que precedem o uso da droga (são analisadas drogas pesadas de rua – cocaína, heroína, metanfetamina -, o uso regular de maconha, o uso diário de cigarro e o consumo excessivo de álcool). A satisfação dos indivíduos também diminui ainda mais no período em que estão usando a droga. Esses achados são consistentes com a visão da Psicologia de que a utilidade experimentada resultante de uma decisão de consumo pode não coincidir com a utilidade da decisão quando feita – algo bem embasado na secão 2.2 do presente artigo (CAMERER; MOOBS, 2017, por exemplo). De fato, essa queda na satisfação dos indivíduos após usar a droga mina a validade do modelo de Dependência Racional (DR, de Becker), em favor da abordagem dos Erros de Predição na Utilidade (EPU), embora não descarte completamente o primeiro modelo, já que no curtíssimo prazo a utilidade do indivíduo aumenta com o uso da droga e também considerando que as pessoas têm uma taxa de desconto altíssima<sup>2</sup> (MOSCHION; POWDTHAVEE, 2018). O uso de drogas está correlacionado principalmente com a insatisfação no casamento, ao passo que o abuso no uso de álcool está ligado notavelmente a problemas financeiros.

A saúde também aparece como importante fonte de bem-estar: pessoas mais saudáveis são, em média, mais felizes (considera-se o estado de saúde percebido pela própria pessoa, que não necessariamente reflete a realidade nua e crua dos fatos), embora essa correlação seja fraca (CORBI, 2007). Hipocondríacos são menos felizes que pessoas normais. Pessoas que sofreram acidentes graves não são menos felizes do que as demais, o que demonstra a capacidade das pessoas de se adaptar a novas situações, finalmente, como perda de entes queridos ou deficiências físicas (RIBEIRO, 2015).

#### Desemprego e inflação

O desemprego possui custos sociais e exerce uma carga negativa sobre o indivíduo, um custo não pecuniário, já que o emprego é não apenas a fonte de renda, mas também uma fonte de responsabilidade, identidade social e autoestima. Além disso, o desemprego alimenta outras variáveis que prejudicam o bem-estar das pessoas, como taxas de suicídio, criminalidade e estabilidade dos casamentos. Há

evidência de que ele prejudique mais o bem-estar dos indivíduos do que uma doença grave ou um divórcio (CORBI, 2007). O desemprego é um fortíssimo causador de *stress* mental (OSWALD, 1997).

Analisando dados para o Brasil, Ribeiro e Marinho (2017) encontraram que a probabilidade de ser mais feliz comparada à probabilidade de ser menos feliz é 1,2 vezes maior para pessoas empregadas do que para as demais (estudantes, donas de casa, aposentados). Argolo e Araújo (2004) analisam os dados para ver a relação entre desemprego e felicidade, especificamente em Natal, RN. Controlaram-se as variáveis idade, sexo, estado civil, nível de instrução e renda. A média dos escores de deterioração do bem-estar psicológico foi maior para o grupo dos desempregados, confirmando a hipótese proposta. Depois, viu-se que não há distinção dos efeitos causados à saúde mental dos desempregados em função de gênero, idade, tempo de desemprego, queda na renda por ocasião do desemprego e centralidade do trabalho. Viu-se, contudo, distinção de acordo com participação no orçamento familiar: quanto maior, mais afetado o bem-estar do indivíduo. Houve igualmente distinção de acordo com ter ou não filhos para sustentar, com o apoio social percebido, de acordo com a religião – os "sem religião" eram mais negativamente impactados pelo desemprego – e com a frequência à igreja (ARGOLO; ARAÚJO, 2004).

Considerando também a relação entre o desemprego geral e a felicidade, percebe-se que os indivíduos costumam ficar mais infelizes com o desemprego geral, mesmo que eles próprios continuem empregados, o que pode se dever a se sentir mal pelo infortúnio dos outros ou ao medo do risco de também perder seu emprego em breve³ (CORBI, 2007). As pessoas se comparam o tempo todo com as outras, em particular quando se trata de emprego e renda.

Tendo o Reino Unido como campo de análise, dois estudos, um "clássico" na área e um mais recente, têm destaque. Clark e Oswald (1994) testam a hipótese de o desemprego ser voluntário – graças à generosidade das ajudas financeiras dadas pelo governo aos desempregados, os britânicos poderiam estar escolhendo o desemprego. Essa hipótese, todavia, é rejeitada, com base nos dados analisados, retirados do *British Household Panel Study*. As pessoas em situação de desemprego experimentavam níveis de bem-estar mental substancialmente menores que as pessoas empregadas – no caso desse estudo, o desemprego teve um impacto negativo maior até mesmo que um divórcio. O mal-estar advindo do desemprego é menor entre os jovens e entre os trabalhadores das áreas com alto desemprego, no norte. Aqueles desempregados há mais tempo, por sua vez, também sentiam menos mal-estar do

que aqueles desempregados há pouco (CLARK; OSWALD, 1994). Tais percepções mostram, uma vez mais, a importância do entorno e a comparação com os pares que permeia a reflexão sobre ser feliz ou não do indivíduo, além da sua capacidade de adaptação a novas situações ao longo do tempo, já pontuada anteriormente.

Já Heyes, Tomlinson e Whitworth (2017), com base nas *Employment and Skills Surveys* de 2006 e 2012, buscam averiguar como a Grande Recessão afetou a relação entre desemprego e bem-estar. O artigo encontra que os trabalhadores britânicos em situações de subemprego experienciam menores níveis de satisfação do que aqueles adequadamente empregados. Embora não se possa falar de causalidade, encontrou-se correlação entre a infelicidade e uma maior insatisfação com o desemprego, o subemprego ou o excesso de horas trabalhadas ou de carga de trabalho (*overemployment*) durante o período da Grande Recessão. Embora pareça que o desemprego fira menos as pessoas na medida em que ele for mais abundante na sociedade, como já vimos, o mesmo não parece ser verdade para o subemprego. Essas situações de estresse ou precariedade no trabalho afetam negativamente os trabalhadores, intensificando-se esse efeito nos períodos de crise econômica.

A inflação tem custos como os chamados custos de cardápio, custos de couro de sapato, distorções na carga tributária, ineficiência alocativa, dificuldades contábeis e aversão psicológica. É curioso ver que, se o desemprego sobe um ponto percentual, a taxa de inflação deve cair 1,7 pontos percentuais para manter a população igualmente satisfeita. Encontra-se que os indivíduos politicamente de esquerda se importam mais com o desemprego relativamente à inflação do que os politicamente de direita (CORBI, 2007; RUPRAH; LUENGAS, 2011).

Colocando a inflação e o desemprego como variáveis regressoras da felicidade média e controlando para características pessoais, temporais e locais, Di Tella, MacCulloch e Oswald (2001) se valem de uma escala que vai de 1 a 4 para medir a satisfação com a vida relatada pelas pessoas. O aumento de um ponto percentual na taxa de desemprego leva, em média, a satisfação com a vida a cair 0,028 unidades. O aumento de um ponto percentual na taxa de inflação leva, em média, a satisfação com a vida a cair 0,012 unidades. Os autores propõem que o custo do desemprego é maior para o desempregado, que sofre na pele, mas que o restante da sociedade também sente o mal-estar do desemprego, que paira no ar e causa temor em todos que ainda estão empregados. Nesse estudo, um ponto percentual a mais de desemprego causa a mesma perda de bem-estar que 1,66 ponto percentual

a mais de inflação. O desemprego deprime mais que a inflação (DI TELLA; MAC-CULLOCH; OSWALD, 2001).

Inflação e desemprego são reconhecidos como os alvos mais importantes para os formuladores de políticas macroeconômicas por Ruprah e Luengas (2011), que investigam como essas duas variáveis afetam a qualidade de vida dos cidadãos na América Latina (AL). A partir de 1991, quando o Chile adotou uma política de metas de inflação, ideia promovida pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), outros países da AL passaram a fazer o mesmo. Nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o foco costuma recair não apenas sobre a inflação, como também sobre o desemprego<sup>4</sup>. Usando dados do Latinobarómetro, os autores encontraram que inflação e desemprego diminuem a felicidade, sendo o coeficiente do último sete vezes maior que o da primeira - oito vezes quando se considera junto o efeito direto nos desempregados -, mais ou menos o dobro daquele visto nos países da OCDE. Claro que há multicolinearidade no caso da inflação, já que, quando fora de controle, afeta o crescimento econômico futuro e os serviços providos pelo governo, por exemplo, fato que o respondente leigo não costuma pensar na hora em que responde a questão. O trade-off entre inflação e desemprego é maior entre os jovens (RUPRAH; LUENGAS, 2011).

Grupos de baixa renda têm maior proporção de dinheiro em espécie em seus rendimentos e menos formas de diversificá-los, de modo que estão mais vulneráveis aos impactos negativos da inflação. A inflação também afeta de forma diferente devedores e credores, sendo os primeiros beneficiados por ela, já que sua dívida em termos reais se torna menor, a princípio. Chen et al. (2014) notam que pessoas com casa própria costumam ser mais tolerantes à inflação. Usando dados do *China General Social Survey*, os autores viram que a inflação diminui o bem-estar das pessoas em geral, mas esse efeito negativo diminui conforme sobe a renda do grupo analisado. Os pobres são mais afetados por altas de preços na comida e moradia, enquanto a classe média é afetada principalmente por altas em transporte, planos de saúde, comunicação, recreação e educação. Quando é inesperada, a inflação ocasiona maior perda de bem-estar nas pessoas (CHEN et al., 2014).

#### Renda e desigualdade

Ao falar de renda e felicidade, o resultado mais robusto é que as pessoas mais ricas, na média, tendem a se considerar mais felizes. Porém, é notável que renda

adicional não aumenta a felicidade para sempre – há retornos decrescentes. Corbi (2007) comenta algumas questões de rivalidade, mostrando que muitas vezes a posição relativa de um indivíduo com relação aos outros pode ser mais importante do que sua posição absoluta – o que não ocorre no caso de pessoas extremamente pobres. Características pessoais, expectativas e comparação com semelhantes exercem papel de destaque na explicação da felicidade, que não é comparável entre pessoas, mas entre grandes amostras distintas. As dificuldades financeiras afetam a qualidade de vida das pessoas e sua felicidade não só de forma direta, mas também por impedi-las de vivenciar atividades sociais e de lazer importantes para seu bem-estar (ONUSIC; MENDES-DA-SILVA, 2015).

A proposição de que a renda relativa, em vez da renda absoluta, é que influencia o bem-estar das pessoas, usada para sustentar que o crescimento econômico – ou o crescimento da renda individual – não necessariamente propicia mais satisfação, é conhecida na literatura como Paradoxo de Easterlin, em referência a um artigo de 1974 publicado por Richard Easterlin. Em especial, a partir de certos níveis, a renda deixa de tornar as pessoas mais felizes. Hoje, restam poucas dúvidas de que a renda afeta a felicidade de forma relativa, o que significa que mesmo pobres podem estar satisfeitos com suas rendas, se aqueles que os cercam forem ainda mais pobres ou se suas rendas aumentaram em relação a antes (RIBEIRO, 2015). Mais uma vez, cabe ressaltar o papel que o entorno tem sobre a pessoa; aqueles que estão ao nosso redor são como âncoras, que servem como parâmetro para avaliação de nosso desempenho e da nossa satisfação.

Analisando dados para o Brasil, Ribeiro e Marinho (2017) encontraram correlação positiva entre renda e felicidade e confirmaram o Paradoxo de Easterlin. Contudo, o impacto da renda foi menor do que o impacto de estar casado ou estar empregado. Conforme Deaton (2017), a pobreza gera tristeza, mas a partir de certo montante (por volta de 70 mil dólares por ano) ter mais dinheiro não contribui para sentir-se mais feliz.

Usando questionários em que o entrevistado deve responder a propósito da sua própria felicidade, Kahneman (2006) investigou se o aumento de riqueza torna as pessoas mais felizes, como prediria a crença do senso comum. Primeiro, ele nota que nos últimos 40 anos, apesar de grandes aumentos na renda *per capita*, o nível de felicidade relatada não aumentou significativamente. Por um lado, isso poderia ser explicado devido à felicidade decorrente da renda ser relativa, ou seja, em comparação à dos seus pares e de pessoas próximas<sup>5</sup>. Embora isso seja importante,

Kahneman (2006) é feliz ao notar que, quando as pessoas consideram o impacto de um único fator em seu bem-estar, elas tendem a exagerar sua importância, a assim chamada "ilusão de foco". Essa ilusão é mais um viés cognitivo, do tipo que exploramos na seção sobre *insights* comportamentais. Assim como os outros vieses, ela pode atrapalhar e causar erros importantes na tomada de decisão. As pessoas não sabem o quão felizes são como sabem sua altura ou seu número de telefone; a resposta é ponderada e dada na hora em que é solicitada. Isso explica diversos experimentos que encontraram mostras da ilusão de foco em ação, como quando se pergunta a respeito do número de encontros no último mês ou a respeito da saúde ou da satisfação com o casamento ou outros fatores do tipo e então se pergunta se o indivíduo se considera feliz, nessa ordem, e se observa forte correlação entre as respostas, mesmo que na ordem inversa a correlação seja próxima de zero.

O papel da atenção está no cerne de Dolan (2015). Para o autor, a felicidade está num equilíbrio, cuja proporção varia de indivíduo para indivíduo e está em constante mutação, entre prazer e propósito. Assim, a infelicidade decorreria de desejos, projeções e crenças equivocadas, que desviam nossa atenção daquilo que nos traz alegria. A atenção nada mais é do que o foco. Quando nosso foco está em padrões impostos por terceiros, podemos estar deixando de prestar atenção naquilo que nos faz realmente felizes. Se pensasse apenas na renda, como sob a lente de uma lupa que nada revela senão o objeto que debaixo dela está, qualquer indivíduo diria que deseja uma renda maior em lugar de uma renda menor — e, a partir dessa percepção, talvez decida gastar tempo e esforço atrás dela. Porém, se ampliasse a imagem e tivesse uma visão periférica da sua própria vida, o indivíduo perceberia que a renda talvez não seja mais do que um aspecto restrito da sua experiência, um meio para atingir outros fins. Portanto, a consequência da ilusão de foco pode ser uma má alocação do tempo, em atividades que não geram prazer, apenas para buscar renda, que tem seu peso superestimado<sup>6</sup>.

Utilizando dados provenientes de quase vinte mil questionários aplicados em Maringá, PR, Dias, Schumacher e Almeida (2010) descobriram que pessoas com contas em atraso tendem a ser menos felizes que pessoas com contas em dia e que a satisfação com a situação econômico-financeira eleva substancialmente a probabilidade de o indivíduo se declarar feliz — qualquer pessoa prefere não estar passando por perrengues e apertos em suas finanças, que são fonte de constante stress. De igual modo, expectativas positivas em relação à renda familiar futura e em relação à economia nacional se associam a uma maior probabilidade de ser feliz

- talvez isso tenha a ver com uma visão mais positiva ou otimista da vida, que constitui uma característica de cada pessoa, não se baseando, obrigatoriamente, numa análise fria e racional de sua situação presente e futura com consideração de todas as variáveis. Quanto ao efeito que outras pessoas, em especial pessoas próximas, exercem sobre alguém, objeto constante do presente artigo, os autores também aportaram mais uma conclusão interessante, mostrando como o meio influencia o indivíduo e seu bem-estar: o fato de uma pessoa, ou alguém de sua família, ter sido vítima de violência, roubo, assalto, furto, estelionato, acidente de trânsito, ou outra violação de segurança, influencia negativamente a probabilidade de declarar-se feliz (DIAS; SCHUMACHER; ALMEIDA, 2010). Cremos que já tenha ficado evidente a distinção nesse ponto, mas não custa sublinhar: satisfação com sua situacão econômico-financeira e suas contas em dia não é o mesmo que satisfação com sua renda. O indivíduo pode ter uma renda enorme e estar devendo, no vermelho. Pode ainda ter uma renda modesta, mas conseguir organizar e equilibrar bem suas finanças pessoais. A importância da renda é sempre – com exceção daqueles casos de pobreza extrema já citados - relativa.

Diversos estudos sustentam que as pessoas têm preferências sociais que as fazem desejar redução da desigualdade de renda em distribuições. Um exemplo é o trabalho de Graham e Felton (2006), artigo no qual se examina a relação entre a desigualdade e a felicidade na América Latina. É utilizado um questionário feito com mais de 1.000 pessoas em 18 países da América Latina. O escopo do questionário aborda questões que permitem criar um índice de riqueza individual, em vez de apenas perguntar a renda mensal do entrevistado, o que tornaria os dados menos confiáveis para o caso de pessoas que trabalham no mercado informal. Ter vizinhos mais ricos, após controlada a própria renda, diminui a felicidade. Os autores põem na regressão tanto uma variável que mede a riqueza média como uma variável que mede a riqueza relativa, isto é, a riqueza do indivíduo com relação à média. Fazendo isso, encontra-se que o coeficiente da riqueza média é irrelevante, ao passo que o coeficiente da riqueza relativa é positivo e significativo. A felicidade, portanto, obtida da riqueza relativa é maior que a obtida da riqueza média para aqueles que estão acima da renda média e vice-versa<sup>7</sup>. Dividindo a amostra em quintis, nota--se que os 40% mais pobres da amostra são os mais preocupados e infelizes com a distribuição de renda, enquanto que a desigualdade torna os ricos levemente mais felizes8.

O estudo de Cavalcanti, Guimarães e Nogueira (2009) é singular. Os autores realizaram uma pesquisa com estudantes de economia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Purdue University, em West Lafayette, Indiana. A primeira tinha por volta de 35.000 estudantes, enquanto que a segunda tinha cerca de 38.000 estudantes, à época do estudo. Ambas são universidades públicas, embora não haja qualquer mensalidade na UFPE, mas haja cerca de US\$ 17.000 anuais na Purdue. Usando estudos em que os participantes devem responder acerca do seu próprio bem-estar – como na maior parte dos trabalhos citados –, comparou-se dois grupos similares, que partilhariam, supostamente, algumas preocupações semelhantes – desempenho acadêmico, carreira futura, assuntos amorosos –, porém tendo condições socioeconômicas e normas sociais diferentes nas duas sociedades, brasileira e americana. Para representar bem a população de estudantes de economia de cada universidade, as duas amostras - com mais de 90 questionários aplicados em cada - foram coletadas de alunos matriculados em cursos obrigatórios de nível intermediário da graduação. O questionário iniciava perguntando se o indivíduo se considerava feliz (infeliz, feliz e muito feliz eram as opções de resposta), então pedia que o respondente ranqueasse 8 itens em ordem de importância para a sua felicidade (mais dinheiro, mais amigos, morar perto dos pais ou amigos, uma história de amor, um trabalho, mais lazer, menos violência e "outros"), além de incluir perguntas sobre a idade, o gênero, a procedência do respondente (família de baixa, média ou alta renda) e se o respondente trabalhava (se sim, em tempo integral ou parcial). Cerca de 30% dos respondentes eram mulheres nas duas amostras; o número de indivíduos provenientes de famílias de baixa renda era similar, embora na Purdue houvesse maior incidência de indivíduos provenientes de famílias de alta renda do que na UFPE, que por sua vez possuía maior incidência de estudantes trabalhando em tempo integral, mas menor incidência de estudantes trabalhando em tempo parcial.

Quanto ao ranqueamento dos oito itens em ordem de contribuição para a sua felicidade, as duas amostras mostraram médias parecidas para todos os itens, com exceção de "mais lazer" e "menos violência". Mais lazer é, em média, o item mais importante para os estudantes da Purdue; de fato, 60% de seus estudantes ranquearam esse item no mínimo como o segundo mais importante para sua felicidade, contra 30% na UFPE. O fator mais importante para os estudantes da UFPE foi mais dinheiro. Menos violência foi ranqueado como algo estatisticamente mais significativo para os estudantes da UFPE, o que é algo lógico, comparando os níveis

de violência urbana dos dois países. Além disso, os autores encontraram que mulheres são mais felizes que homens na Purdue, enquanto o oposto ocorre na UFPE. A procedência familiar do estudante não tem muito impacto na Purdue, mas tem impacto direto na felicidade dos estudantes da UFPE. A fração de estudantes que se declaram muito felizes é cerca de duas vezes maior na Purdue, mesmo após controle de outras variáveis (CAVALCANTI; GUIMARÃES; NOGUEIRA, 2009).

#### Crescimento econômico e instituições democráticas

Conforme Oswald (1997), usualmente, os políticos falam como se o crescimento econômico e da produtividade fizesse com que uma sociedade melhorasse. A renda tem melhorado indiscutivelmente em todo o mundo nas últimas décadas. Teria o nível de felicidade das pessoas aumentado igualmente? O senso comum poderia indicar que sim; a descoberta de que a felicidade se dá pela comparação relativa, como já comentamos antes, poderia indicar que não (como sugeriu R. Easterlin, a ênfase nos benefícios de uma maior renda nacional é erroneamente colocada, já que todos se movem juntos).

Analisando a relação entre o PIB per capita e a felicidade, vê-se que pessoas em países ricos são, em média, mais felizes que pessoas em países pobres (CORBI, 2007). Os países mais ricos têm níveis de satisfação maiores que os países pobres e nos últimos a correlação entre renda e felicidade é maior. Os moradores de países ricos sistematicamente classificam sua qualidade de vida com notas mais altas que os de países pobres, fortalecendo a suposição de que o crescimento econômico influencia positivamente a sensação das pessoas com relação às suas vidas (DEATON, 2017).

A felicidade com a vida parece ser crescente nos EUA, embora o crescimento seja tão pequeno, a ponto de parecer que renda extra não está contribuindo dramaticamente para a qualidade de vida das pessoas. Na Dinamarca, mais da metade da população se declara muito feliz, enquanto na Itália essa porcentagem está por volta de um décimo do total<sup>9</sup>. Conclui-se que os níveis de satisfação têm crescido modestamente na Europa (OSWALD, 1997). No Brasil, por exemplo, surpreende que o Rio Grande do Sul seja um dos estados mais desenvolvidos, mas apresente uma das maiores taxas de morte por suicídio no país (ONUSIC; MENDES-DA-SIL-VA, 2015).

Na Grã-Bretanha, um quinto de todas as admissões em hospitais se deve a tentativas de suicídio. Para o período pós-guerra, é visível que o número de suicídios vem caindo bastante. A renda real do país é positivamente correlacionada com a taxa de suicídios, embora a taxa de suicídios não dependa da classe social, como mostram os dados. Conclui-se que comportamento suicida é mais provável em homens, desempregados e com problemas conjugais (OSWALD, 1997). A conclusão para os Estados Unidos da América e para o Reino Unido, segundo Oswald (1997), é a mesma: a satisfação com o trabalho não tem aumentado com o tempo. No último parágrafo da conclusão, o autor sugere que o desemprego deveria ser a preocupação primeira do governo, em vez do crescimento econômico¹º.

Potts (2016) investiga a correlação entre democracia e felicidade. É muito difícil falar em causalidade, pois existe muita colinearidade da variável democracia com outras variáveis, como renda *per capita*, serviços públicos de qualidade etc. O autor divide os países em três tipos: não democráticos, democracias não liberais e democracias. Ele cita a importância de as liberdades civis acompanharem a democracia — que é o que ocorre no terceiro tipo citado, mas não no segundo. Também cita que as pessoas são mais felizes quando podem participar mais ativamente ou mais diretamente dos processos políticos.

Os resultados encontrados dão conta de que, de acordo com um índice de felicidade que o autor utiliza numa escala de 1 a 10, a média para um país não democrático era de 5,6; para países democráticos, era de 6,04. Até aqui, a diferença não é tão grande, porém, quando se analisa a diferença entre democracias liberais e não liberais, a diferença fica mais gritante. A média das primeiras é 6,73, enquanto a das segundas é 5,45. O autor também reserva uma seção para criticar os críticos da democracia, que usam *outliers* e casos isolados para dizer que países mais democráticos não necessariamente geram mais felicidade para seus cidadãos. Esses casos isolados geralmente são de países que estão no início de uma transição para a democracia, como ocorreu com os países do Leste Europeu. Ainda, os países que esses críticos escolhem dentre os não democráticos são geralmente países ricos, com baixo desemprego e baixa pobreza, como é o caso dos Emirados Árabes Unidos (POTTS, 2016).

Na sequência, Potts (2016) propõe que, para tornar países que são democracias liberais mais felizes, é importante dar aos cidadãos participação democrática direta, por exemplo, através de referendos, votações e eleições *recall*. Em democracias diretas, os políticos são obrigados a se manter alinhados às vontades populares

nos mínimos detalhes o tempo todo — o que, se pensarmos que nem sempre as pessoas têm informação completa e por vezes são facilmente manipuláveis por discursos populistas que soam bem aos ouvidos, talvez não seja sempre a melhor das coisas. A conclusão é de que a possibilidade de escolher torna as pessoas felizes. As pessoas não se importam apenas com quais decisões são tomadas, mas como essas decisões são tomadas, e elas desejam ter o máximo de participação possível nesse processo (POTTS, 2016). Devido ao papel mais ativo dos cidadãos, os políticos permanecem sob controle, as decisões públicas tomadas são mais próximas daquilo que o povo deseja e o bem-estar com os resultados do governo é maior. O próprio processo de participação nas decisões políticas, independente do resultado final, gera satisfação (FREY; STUTZER, 2000).

A importância das instituições para a felicidade está no foco de Frey e Stutzer (2000). Mecanismos de democracia direta, como referendos e plebiscitos, aumentam o bem-estar subjetivo dos cidadãos, já que fazem com que eles tenham maior acesso à esfera de decisões públicas. Pelo mesmo raciocínio, a descentralização na máquina pública contribui para o aumento de bem-estar das pessoas, uma vez que as decisões são tomadas com mais informações sobre os sujeitos relevantes a elas. Os autores usam uma pesquisa com mais de 6.000 residentes suíços, país com mecanismos de participação direta famosos. A Suíca tem 26 cantões (estados), que, pela estrutura descentralizada do país, têm competências importantes. O instrumento de democracia direta mais forte dentro de um cantão é a iniciativa popular, levada a cabo a fim de mudar, propor ou revogar leis ou prevenir e evitar novos gastos. Esse instrumento se constitui de forma diferenciada de acordo com o cantão, seja no número de assinaturas requerido para que seja considerado ou no tempo de coleta permitido. Os autores criaram um índice de 1 a 6 para medir o grau de possibilidade de participação direta que os cidadãos têm baseados em pesquisas feitas e o cruzaram com a felicidade subjetiva em cada cantão. Por ser um país federalista, a Suíça permite que se isole esse efeito da maior ou menor participação direta nas instituições de outros efeitos, já que fatores como renda, inflação, desemprego, cultura, língua e costumes são muito próximos entre os cantões.

Variáveis demográficas e econômicas foram usadas como variáveis de controle, além de variáveis para o tamanho e o tipo das comunidades. O objetivo era estudar o impacto das instituições democráticas no bem-estar, computado como variável através de um índice de direitos democráticos diretos e de um índice para a autonomia local/comunal. Ambas as variáveis tiveram coeficientes positivos e estatisticamente significativos, influenciando a felicidade dos cidadãos, sobretudo quando combinadas à democracia direta e à autonomia local. Encontrou-se também que os benefícios da participação direta são partilhados de forma quase uniforme pela sociedade, independente de sexo ou renda, com a exceção parcial dos estrangeiros, que não podem participar plenamente de todos os mecanismos, por força legal, ou que não se sentem, em todos os casos, pertencentes àquela comunidade. Mesmo assim, eles têm seu bem-estar aumentado de forma indireta, pela participação geral das demais pessoas na vida pública – não se encontrou evidência de que a maioria suíça abusasse de sua superioridade numérica contra a minoria estrangeira (FREY; STUTZER, 2000).

Onusic e Mendes-da-Silva (2015) avaliam a influência do orgulho nacional de um povo no nível de felicidade de seus cidadãos, aplicando a análise especificamente ao Brasil. Os dados provêm de um survey realizado pelo Latinobarómetro, com cerca de 20.000 entrevistas em 18 países da América Latina, em 2000 e 2009. Importantes componentes da identidade e da autoestima da pessoa são a participação e o pertencimento a um determinado grupo. Os autores distinguem o nacionalismo étnico, costumeiramente de viés religioso ou racial e que pode incentivar a xenofobia, o sentimento autoritário e diminuir o bem-estar, do nacionalismo cívico, que é mais abrangente e aberto a minorias e estrangeiros – ou seja, contém tracos de universalismo e benevolência. É citado o caso dos sul-africanos que ficaram conhecidos orgulhosamente como rainbow people, desde a sua primeira eleição livre, em abril de 1994. Cita-se também uma pesquisa que mostra o aumento da felicidade dos cidadãos alemães após triunfos de seus atletas olímpicos (ONUSIC; MENDES--DA-SILVA, 2015). A conclusão dos autores é que, com base nos dados de 2009, ao contrário de 2000, se vê uma relação positiva significativa entre orgulho nacional e felicidade no Brasil. O povo brasileiro mostra ser, predominantemente, feliz, como sugeriria a imagem de país alegre<sup>11</sup> (RIBEIRO, 2015).

#### Fellow-Feeling

Examinando a felicidade sobretudo em idades mais avançadas, Robert Waldinger, diretor do *Harvard Study of Adult Development*, encontrou que o fator mais importante para uma saúde melhor e uma felicidade maior é a existência de bons relacionamentos. O estudo longitudinal seguiu mais de 700 homens, desde quando eram adolescentes, em 1938. Ao longo dos anos, esses homens foram entrevistados

em pessoa, tiveram sua informação de saúde coletada (amostras de sangue e varreduras do cérebro) e responderam perguntas sobre seu trabalho e sua vida em casa, assim como sobre seu bem-estar mental e emocional. Os pesquisadores acabaram entrevistando também as esposas e os filhos crescidos. Encontrou-se que conexões sociais são boas para a saúde – isto é, pessoas com mais conexões sociais com amigos, família e comunidade vivem mais, são mais felizes e mais saudáveis. A solidão é tóxica, de acordo com o estudo. A qualidade da relação também importa – encontrou-se que pessoas satisfeitas em suas relações aos 50 anos eram as mais saudáveis aos 80 anos. Mesmo aqueles que, aos 80 anos, reportavam mais dor física, reportaram que seu humor continuava tão feliz quanto antes. Até mesmo o funcionamento cerebral e da memória se mostrou muito relacionado com a qualidade dos relacionamentos (CAN RELATIONSHIPS..., 2017).

Carrieri (2012) testou se a felicidade das pessoas é influenciada pela saúde de outras pessoas próximas, com base nos dados da *Italian Health Conditions Survey*. A saúde dos outros pode influenciar o indivíduo como um referencial de comparação – já vimos como isso é forte quando se trata da renda, por exemplo; sendo a saúde tão ou mais importante do que a renda, seria de se esperar que também houvesse esse aspecto comparativo para a saúde. Quando pessoas próximas enfrentam problemas de saúde, nossa felicidade pode ser diminuída por nos solidarizarmos com a dor do próximo – uma noção completamente relacionada com o *fellow-feeling* – e por temermos pela nossa própria saúde ao vermos alguém próximo enfermo – é interessante notar que nessa situação se tem um caso claro de viés de disponibilidade (KAHNEMAN, 2012); não importa quão baixa seja a probabilidade de uma doença acometer alguém, se o seu melhor amigo estiver sofrendo dela, a tendência é de que você comece a se preocupar. De acordo com o estudo de Carrieri (2012), a boa saúde do grupo de referência influencia positivamente o indivíduo e vice-versa.

Trabalho voluntário é, essencialmente, uma representação tangível do fellow-feeling na prática: escolher ajudar algum grupo que precise sem receber nenhuma contrapartida financeira ou material. Que efeitos o voluntariado tem no voluntário? Foi essa a pergunta feita por Magnani e Zhu (2018), que começam falando da recorrência crescente do voluntariado, que já vê cerca de 44% da população americana engajada nele ao menos uma vez por ano – cerca do dobro da porcentagem britânica e alemã. A área de observação dos autores é a Austrália, trabalhando com dados do Australian Bureau of Statistics e da pesquisa Household, Income and Labour Dynamics in Australia (HILDA), em que a taxa de voluntariado entre

australianos acima de 15 anos aumentou de 24% para 36% durante o período 1995-2010, caindo para 31% em 2014.

As estatísticas descritivas da amostra usada por Magnani e Zhu (2018), com mais de 117 mil observações para mais de 20 mil indivíduos, mostram que, na média, indivíduos que participam de trabalho voluntário relatam maiores níveis de bem-estar subjetivo do que aqueles que não participam — os testes estatísticos feitos rejeitam a hipótese de que os dois grupos venham da mesma distribuição, o que mostra que a diferença não é desprezível. Voluntários, comparados àqueles que não são voluntários, tendem a ser mais velhos, ter melhor educação, uma família maior, uma renda maior, uma melhor saúde reportada, uma tendência maior a serem mulheres e uma tendência menor de serem habitantes de cidades grandes e de desenvolverem doenças de longo prazo. Empiricamente, o resultado encontrado foi que atividades de voluntariado estão associadas a maiores níveis de bem-estar subjetivo.

A felicidade derivada de participar de atividades voluntárias se equipara, quantitativamente, àquela derivada de ser promovido no emprego. Além disso, a participação em atividades voluntárias diminui significativamente a influência negativa do desemprego (uma compensação que fica entre 20% e 53%) e de uma doença de longo prazo (entre 16% e 30% das perdas podem ser compensadas pelo voluntariado). Os autores comparam o bem-estar reportado um ano antes com aquele reportado três anos antes de o indivíduo realizar a atividade voluntária, para ver se há alguma diferença que indique a existência de causalidade reversa, hipótese que não se confirma. O impacto positivo é de curto prazo e quase desaparece depois de passado um ano sem realizar atividades voluntárias, embora os impactos no capital social e na saúde mental sejam duradouros. Esse impacto se divide entre aquele proveniente de motivação intrínseca (aumento de bem-estar decorrente do voluntariado por si) e de razões extrínsecas (recompensas recebidas ao fazer voluntariado, como habilidades sociais e recursos psicológicos). Voluntários também tendem a ser mais sociáveis e participantes da comunidade, fatores que também aumentam o bem-estar (MAGNANI; ZHU, 2018). O efeito da generosidade no bem--estar pode ser detectado mesmo em um nível neural (AKNIN et al., 2013).

Resolvemos nos voluntariar por alguns motivos, como: aprender novas habilidades, desenvolver-se como pessoa, acentuar a autoestima, preparar-se para uma carreira, expressar valores pessoais e compromisso com a comunidade e reduzir conflitos de ego ou identidade. Ademais, as pessoas tendem a ajudar aqueles grupos com os quais mais se identificam. Indivíduos solidários e empáticos tendem a se

tornar voluntários – interessante ver que a solidariedade está associada a características como dominância, eficiência, confiança e sentimento de competência. Assim, pessoas estáveis, com boa autoestima e boa saúde mental, estão mais propensas a se voluntariar – o que poderia levar a algum efeito de seleção, em nossa análise. O envolvimento em atividades voluntárias, por sua vez, traz inúmeros benefícios aos voluntários, de ordem psicológica, física e mental (THOITS; HEWITT, 2001).

A hipótese central de Thoits e Hewitt (2001) é de que há efeitos recíprocos no voluntariado – pessoas felizes são "selecionadas" para o voluntariado e o voluntariado torna as pessoas mais felizes. A hipótese foi confirmada: bem-estar pessoal está correlacionado com mais horas de serviço comunitário voluntário. Esse resultado não contradiz aquele encontrado por Magnani e Zhu (2018), cabe sublinhar, apesar de diferenças metodológicas, de período e de amostragem. Usando 6 medidas de bem-estar, Thoits e Hewitt (2001) encontram influência positiva das horas gastas em voluntariado nos últimos 12 meses, como esperado – o resultado se mantém mesmo quando se controla para participação em outros grupos voluntários e para os níveis anteriores de bem-estar. O estudo considera a diferença de horas usadas em voluntariado (em uma divisão por bandas), todavia não considera sua distribuição (as horas de atividade voluntária podem estar concentradas em intensas semanas no verão ou podem estar espalhadas ao longo do ano; seria de se esperar alguma diferença de efeito no bem-estar).

Dunn, Aknin e Norton (2008) mostram que a forma como se gasta o dinheiro é importante para definir se ele trará aumento de bem-estar ou não. Não se encontrou relação estatisticamente significativa entre consumo pessoal e felicidade, enquanto a relação entre renda e felicidade e entre gasto com os outros e felicidade foram estatisticamente significativas, independentes e de similar magnitude. O gasto com outros é uma categoria que reúne compras para outras pessoas, como presentes, e doações para a caridade, ou similares. Estudando um grupo de empregados que receberam um bônus de participação nos lucros de sua empresa, os autores puderam ver que o gasto com os outros foi o único preditor estatisticamente significativo da felicidade num segundo período, mesmo quando a renda era adicionada como preditor. Outros experimentos para ver a causalidade foram feitos e seus resultados embasam a ideia de que o gasto com os outros aumenta a felicidade. O que talvez seja a parte mais curiosa do estudo dos autores é que as pessoas, quando perguntadas, acreditam majoritariamente que o consumo pessoal

as fará mais felizes que o gasto com os outros (DUNN; AKNIN; NORTON, 2008), denotando mais um viés comportamental.

Aknin et al. (2013) propõem que o efeito positivo do gasto com os outros não é sentido apenas em países ricos, como alguém poderia imaginar. A evidência indica que essa sensação é inerente ao ser humano, como se nota no comportamento pró-social de crianças de 2 anos (compartilhar, ajudar e confortar outros). Os seres humanos consideram ajudar os outros inerentemente recompensador e o fazem mesmo quando não esperam nada em troca, em geral. Um universo psicológico é um atributo mental presente nos seres humanos independente do contexto em que estejam inseridos; o nome já diz: é universal. Ele pode ser idêntico ou ter leves variações de lugar para lugar. Aknin et al. (2013) centram seu paper em ver se o gasto com os outros aumentando a felicidade é um atributo psicológico classificado no segundo tipo — universal com leves variações locais — ou se ele não é um atributo psicológico universal em absoluto.

A relação entre gasto com os outros e felicidade é positiva e significativa na maioria das nações — em 59% da amostra usada por Aknin et al. (2013). Doar para a caridade, para citar um exemplo, teve impacto similar ao de dobrar a renda; ou seja, para alguém que não pratica caridade ter o mesmo nível de bem-estar que alguém que pratica, necessitaria do dobro da renda, em média, com todo o resto constante. Não se encontrou qualquer distinção nos resultados entre países ricos e pobres. Quando se controla para renda e escassez alimentar, o coeficiente do gasto com os outros permanece quase idêntico, indicando que é o gasto com os outros, de fato, que gera o bem-estar, não sendo esse apenas um efeito secundário da renda. Outra objeção possível seria de que o gasto com os outros aumenta o bem-estar por estreitar os relacionamentos sociais, objeção que é derrubada, já que os autores conduzem um experimento em dois países diferentes (Canadá e África do Sul), em que a pessoa que dá o presente não sabe quem será o receptor, não o conhece e não o encontra. Mesmo assim, a recompensa emocional continua existindo para o doador (AKNIN et al., 2013).

Conforme Ribeiro (2015), as relações de amizade e afetivas estabelecidas são importantes determinantes da felicidade. Relações interpessoais firmes, como amizades e casamento, aumentam a felicidade: Dias, Schumacher e Almeida (2010) encontraram correlação positiva entre estar casado e ser feliz. Também analisando dados para o Brasil, Ribeiro e Marinho (2017) encontraram que a probabilidade de ser mais feliz comparada à de ser menos feliz é 1,6 vezes maior para pessoas

casadas. Posto que pessoas casadas são, em média, mais felizes (MAGNANI; ZHU, 2018), Stutzer e Frey (2006) investigaram em que sentido se dá a causalidade. Solteiros que se casam jovens já eram solteiros com satisfação com a vida acima da média. Como os indivíduos que um dia se casarão são, em média, mais felizes que os indivíduos que não se casarão, há efeito de seleção, mostrando que pessoas felizes tendem a se casar. Porém, os autores ressaltam que a diferença de felicidade reportada por solteiros e por casados não pode ser explicada simplesmente pelo efeito de seleção. Até os 34 anos de idade, pessoas casadas reportam, em média, maior satisfação com a vida do que aquelas pessoas que se casarão mais tarde. Há também efeito de seleção no divórcio – pessoas que se divorciam não apenas tinham felicidade abaixo da média enquanto casadas, mas já a tinham antes de se casar. Encontrou-se que casais com diferencas maiores de salários, que poderiam se beneficiar da especialização ao se unirem, se beneficiam mais do casamento. Casais com maior afinidade de ideias e níveis educacionais parecidos também extraem maior satisfação do casamento. Por fim, o casamento é importante pelo companheirismo intrínseco a ele, ou seja, a parceria para realizar atividades juntos e viver experiências prazerosas ao longo da vida (STUTZER; FREY, 2006).

Além do capital social, a religiosidade impacta positivamente a felicidade. Ribeiro (2015) procura chamar atenção para as variáveis relacionais, nas quais a religiosidade se encaixa, uma vez que ela é vivida em comunidade. Ela seria, assim como o casamento ou a amizade, um bem relacional. A frequência em reuniões religiosas está relacionada com o investimento de horas em trabalho voluntário, estando ambas as variáveis positivamente relacionadas ao bem-estar (THOITS; HEWITT, 2001). Por óbvio, além do aspecto relacional, estaria seu papel como uma "chave interpretativa" que pode ajudar a desvendar o sentido da vida. Conexões com outras pessoas também podem indicar uma atitude mais positiva e otimista em relação à vida.

Um achado interessante exposto em Kuper e Szymanski (2018) e sustentado com dados é que o futebol pode deter suicídios, em vez de encorajá-los, como poderia supor o senso comum. Os autores analisaram o declínio existente no mês de junho dos anos em que ocorreu Copa do Mundo ou Eurocopa, em relação ao mesmo mês nos outros anos, notando drástica diminuição no número de suicídios para a maioria dos países europeus. A explicação oferecida por eles é de que a graça de

assistir a Copa do Mundo é que todo mundo também a está assistindo. Pessoas isoladas, os tipos com maior risco de suicídio, de repente se tornam bem-vindas na sociedade e na conversação nacional. Através do *fellow-feeling*, elas são "abraçadas" pelos demais e trazidas de volta à alegria de viver.

#### Conclusão

Tendo como tema o estudo das relações entre variáveis econômicas, contextuais e institucionais, envoltas nos aspectos comportamentais, com a felicidade, procurou-se desenvolver um fio condutor que possibilitasse certo mapeamento dessas relações, já que, muitas vezes, a literatura acerca do tema se torna confusa pela quantidade de variáveis utilizadas e discutidas isoladamente.

O principal resultado que se expressou ao longo do artigo é a importância do entorno para o indivíduo. Esse entorno pode ser tanto o contexto em que está o país (prosperidade econômica, desemprego baixo e inflação sob controle, ausência de guerras civis ou guerras entre nações etc.) como o contexto em que se encontram as pessoas ao seu redor (comparação da renda e do padrão de vida, perda de bem-estar advinda de desigualdade alta, preocupação com a saúde de pessoas queridas, preocupação em ajudar desconhecidos que estejam em situação de vulnerabilidade social, impacto diferenciado do desemprego individual em relação à situação do desemprego geral etc.).

Observaram-se também alguns resultados mais pontuais, como o impacto positivo sobre a felicidade proveniente de instituições democráticas e participação política, o impacto positivo do voluntariado e da caridade, a ausência de efeito positivo decorrente do nível de renda do país e do indivíduo a partir de certo patamar, o efeito positivo de sediar eventos esportivos de grande porte, o efeito negativo da inflação, sobretudo entre os mais pobres, e o decréscimo advindo do consumo de drogas (antes, durante e depois do ato). Curiosamente, a felicidade parece se relacionar com a idade de forma não monotônica. Finalmente, observou-se que pessoas que têm boas relações interpessoais são, em média, mais felizes, assim como pessoas orgulhosas de seu país.

Novas linhas de pesquisa que parecem promissoras são, dentre outras, aquelas que investigariam mais o *fellow-feeling* – que foi por um bom tempo deixado de lado nas produções acadêmicas e agora começa a retomar espaço –, os vieses comportamentais como obstáculos que podem se converter em ferramentas para a busca da felicidade do indivíduo – que está relacionado ao uso de políticas como os *nudges* – e a direção em que se dão as relações de causalidade, já que em certos casos só se conseguiu solidificar a correlação.

# The importance of the surroundings for happiness: empirical evidence from economic literature

#### **Abstract**

In the empirical literature, we search evidence of how economic, institutional and contextual variables influence the happiness of individuals. After commenting on the methodological and behavioral foundations that support the article, the authors divide the subsections according to thematic variables. The main result that stands out throughout the work is the importance of what surrounds us for our well-being.

Keywords: Well-being. Happiness. Fellow-feeling. Context. Environment.

# La importancia del entorno para la felicidad: evidencia empírica de la literatura económica

#### Resumen

En la literatura empírica, buscamos evidencia de cómo las variables económicas, institucionales y contextuales influyen en la felicidad de los individuos. Luego de comentar los fundamentos metodológicos y comportamentales que sustentan el artículo, los autores dividen las subsecciones según variables temáticas. El principal resultado que se destaca a lo largo de la obra es la importancia de lo que nos rodea para nuestro bienestar.

Palabras clave: Bienestar. Felicidad. Fellow-feeling. Contexto. Entorno.

#### Notas

- Camerer e Mobbs (2017) ressaltam que, por vezes, se faz experimentos com pessoas sem qualquer prévia experiência na atividade, para não viesá-los, mas isso pode não corresponder às situações reais, em que tais tarefas são realizadas por experts nelas. Clark (2018) pontua a necessidade de que haja mais trabalhos a propósito de felicidade e atividade cerebral, uma vez que a evidência neural é importante por evitar vieses do indivíduo, que, em vez de responder questões sobre como se sente, tem suas sensações medidas objetivamente.
- O uso de substâncias potencialmente degradantes pode ter um efeito líquido negativo no bem-estar mesmo no curto prazo. Os indivíduos tendem a superestimar os efeitos benéficos futuros do uso de substâncias para sua satisfação com a vida, mostrando que seu comportamento está mais alinhado com a EPU. Mais

uma vez, a altíssima taxa de desconto intertemporal pode ser a explicação. Se for, o indivíduo já saberia a perda de utilidade no longo prazo ao se drogar, mas preferiria ainda assim o alto ganho de utilidade no exato momento em que usasse a droga – além, é claro, do aspecto do vício (MOSCHION; POWDTHAVEE, 2018).

- Tomando a "ilusão de foco" (que aparecerá com mais detalhes na próxima seção) à mão e considerando os eventos ocorridos recentemente com os entrevistados, Dolan e Powdthavee (2011) concluem que a perda de felicidade que vem do medo de perder o emprego para aqueles que estão empregados pode ser tão grande quanto a perda de felicidade por estar de fato desempregado (o primeiro grupo considera um evento marcante na vida a possibilidade de vir a estar desempregado, enquanto o segundo não). Ambos os grupos reportam felicidade, na média, menor que o grupo empregado que não possui medo de perder o emprego. Assim, os autores dão evidência da existência da ilusão de foco com relação ao desemprego.
- É possível depreender que tal enfoque majoritário na inflação na AL se deva a esta ter sido um problema recente na região, em contraste com a Europa, que já consegue controlar melhor a inflação há algum tempo. De fato, em países com baixo desemprego, há maior preocupação relativa com a inflação, e vice-versa (RUPRAH; LUENGAS, 2011).
- O ambiente de comparação também é dinâmico, o que significa que, quando o indivíduo ascende na renda, em geral, passa a se comparar com outro grupo de pessoas, de padrão mais elevado; o alvo é móvel. Além disso, na medida em que a renda cresce, as pessoas tendem a gastar mais tempo com trabalho, atividades compulsórias (como compras ou cuidar dos filhos) e lazer ativo, como exercício físico, em vez de gastar esse tempo com lazer passivo, como assistir seriados. As atividades em que as pessoas de maior renda gastam seu tempo não estão, em média, associadas com maior felicidade, embora estejam associadas com maior nível de stress, ansiedade e preocupação, como mostrou um estudo feito com 374 trabalhadores, em que os entrevistados respondiam, durante um dia inteiro, de 25 em 25 minutos, como se sentiam com relação a vários sentimentos (KAHNEMAN, 2006).
- A ilusão de foco explica por que, por vezes, os resultados das pesquisas nessas áreas são contraintuitivos. As pessoas não estão constantemente se lembrando de suas circunstâncias, sejam positivas ou negativas. A despeito de todas as circunstâncias, as pessoas precisam viver. Fatores externos afetam apenas até determinado ponto. Mesmo distrações banais, como assistir um seriado ou ler um livro, geram aumento ou diminuição de bem-estar. Talvez, as circunstâncias tenham um peso maior projetado sobre aqueles que estão em situações extremas embora isso possa ser questionado, como no caso das pessoas que sofreram graves acidentes, citado na seção 3.1 ou logo que ocorreram, nos primeiros dias ou semanas reforçando o papel da adaptação.
- Para exemplificar, o Chile é duas vezes mais rico que Honduras (riqueza média). Seria de se esperar que as pessoas fossem muito mais felizes no Chile, porém, como a riqueza média não é relevante para a felicidade, esse não é o caso. É a diferença, na média, da renda do indivíduo para a renda média que importa, sendo essa diferença menor em Honduras (2,14 pontos contra 2,49 pontos no Chile), o que justifica o fato de as pessoas serem levemente mais felizes em Honduras do que no Chile (GRAHAM; FELTON, 2006).
- 8 Analisando dados para o Brasil, Ribeiro e Marinho (2017) não encontraram relação estatisticamente significativa entre felicidade e variáveis como menores taxas de pobreza ou menor desigualdade de renda. Os próprios autores fazem a ressalva de que esse achado pode se dever a terem sido usadas apenas duas amostras, referentes a dois anos, o que faz com que a variabilidade dessas variáveis fosse pequena demais para impactar a razão de verossimilhança. Entretanto, o contraponto é válido.
- Oswald (1997) é cauteloso ao dizer que parte dessa discrepância pode se dever a dificuldades de traduzir palavras que compõem a pergunta sobre felicidade feita aos indivíduos, porém uma boa forma de ver que diferenças existem, mesmo assim, é ver que a Suíça (com suas porções germânicas, italianas e francesas) apresenta níveis de felicidade maiores do que Alemanha, Itália e França.
- Por sua vez, ser sede de um evento de grande magnitude, como a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos não torna um país mais rico, mas o torna mais feliz. Assim, sediar esses eventos seria um luxo que países desenvolvidos e ricos poderiam se dar, vez ou outra, não por ser lucrativo, mas pela diversão e felicidade que gera em seus cidadãos dar festas nem sempre é lucrativo, mas é divertido (KUPER; SZYMANSKI, 2018).
- O efeito, inclusive, é bem superior à média da América Latina. Um exemplo numérico é de uma pessoa com 40 anos, que não frequentou a universidade e que julga sua renda familiar insuficiente para atender

suas necessidades. A probabilidade de ela se sentir muito feliz se não sentir orgulho nacional é de 59,6%. Quando a mesma pessoa sente orgulho nacional, essa probabilidade aumenta para 81,9% (ONUSIC; MENDES-DA-SILVA, 2015).

#### Referências

AKNIN, Lara *et al.* Prosocial spending and well-being: cross-cultural evidence for a psychological universal. *Journal of Personality and Social Psychology*, Washington, v. 104, n. 4, p. 635-652, Feb. 2013. DOI: https://doi.org/10.1037/a0031578.

ARGOLO, J. C. T.; ARAÚJO, M. A. D. O impacto do desemprego sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores da cidade de Natal. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 8, n. 4, p. 161-182, out. 2004. DOI: https://doi.org/10.1590/S1415-65552004000400009.

CAMERER, Colin; MOBBS, Dean. Differences in behavior and brain activity during hypothetical and real choices. *Trends in Cognitive Sciences*, Atlanta, v. 21, n. 1, p. 46-56, Jan. 2017. DOI: https://doi.org/10.1016/j.tics.2016.11.001.

CAN RELATIONSHIPS boost longevity and well-being? Harvard Health Letter, Cambridge, June 2017. Disponível em: https://www.health.harvard.edu/mental-health/can-relationships-boost-longevity-and-well-being. Acesso em: 01 jan. 2019.

CARRIERI, Vincenzo. Social comparison and subjective well-being: does the health of others matter?. *Bulletin of Economic Research*, Hull, v. 64, n. 1, p. 31-55, Jan. 2012. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1467-8586.2011.00393.x.

CAVALCANTI, T. V. de V.; GUIMARÃES, J. F.; NOGUEIRA, J. R. Is Brazil the land of happiness? A comparative study using a sample with economics students from UFPE and Purdue. *Brazilian Review of Econometrics*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 17-35, May 2009. DOI: https://doi.org/10.12660/bre.v29n12009.2694.

CHEN, Yongwei et al. Welfare costs of inflation: evidence from China. Social Indicators Research, Dordrecht, v. 119, n. 3, p. 1195-1218, Dec. 2014. DOI: https://doi.org/10.1007/s11205-013-0553-y.

CLARK, A. E. Four decades of the economics of happiness: where next?. Review of Income and Wealth, New Haven, v. 64, n. 2, p. 245-269, June 2018. DOI: https://doi.org/10.1111/roiw.12369.

CLARK, A. E.; OSWALD, A. J. Unhappiness and unemployment. *The Economic Journal*, Cambridge, v. 104, n. 424, p. 648-659, May 1994. DOI: https://doi.org/10.2307/2234639.

CORBI, R. B. *Liberdade, macroeconomia e felicidade*: uma análise empírica de um painel de países. 2007. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DEATON, Angus. A Grande Saída: saúde, riqueza e as origens da desigualdade. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

DIAS, J.; SCHUMACHER, F. I.; ALMEIDA, D. S. de. Determinantes da felicidade: dados individuais de Maringá-PR, 2007-2009. *Economia & Tecnologia*, Campinas, v. 6, n. 1, p. 89-98, jan./mar. 2010. DOI: https://doi.org/10.5380/ret.v6i1.27024.

DI TELLA, R.; MACCULLOCH, R. J.; OSWALD, A. J. Preferences over inflation and unemployment: evidence from surveys of happiness. *The American Economic Review*, Nashville, v. 91, n. 1, p. 335-341, Mar. 2001. DOI: https://doi.org/10.1257/aer.91.1.335.

DOLAN, Paul. Felicidade construída: como encontrar prazer e propósito no dia a dia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

DOLAN, Paul; POWDTHAVEE, Nattavudh. Thinking about it: a note on attention and well-being losses from unemployment. *Applied Economics Letters*, London, v. 19, n. 4, p. 325-328, June 2011. DOI: https://doi.org/10.1080/13504851.2011.577000.

DUNN, E. W.; AKNIN, L. B.; NORTON, M. I. Spending money on others promotes happiness. *Science*, Washington, DC, v. 319, n. 5870, p. 1687-1688, Mar. 2008. DOI: https://doi.org/10.1126/science.1150952.

FERRER-I-CARBONELL, Ada. Happiness economics. *Journal of the Spanish Economic Association*, Heidelberg, v. 4, n. 1, p. 35-60, Mar. 2013. DOI: https://doi.org/10.1007/s13209-012-0086-7.

FREY, B. S.; STUTZER, A. Happiness, economy and institutions. *Economic Journal*, Cambridge, v. 110, n. 466, p. 918-938, Oct. 2000. DOI: https://doi.org/10.1111/1468-0297.00570.

GODMAN, Marion; NAGATSU, Michiru; SALMELA, Mikko. The social motivation hypothesis for prosocial behavior. *Philosophy of the Social Sciences*, Waterloo, v. 44, n. 5, p. 563-587, May 2014. DOI: https://doi.org/10.1177/0048393114530841.

GRAHAM, Carol; FELTON, Andrew. Inequality and happiness: insights from Latin America. *The Journal of Economic Inequality*, New York, v. 4, n. 1, p. 107-122, Apr. 2006. DOI: https://doi.org/10.1007/s10888-005-9009-1.

HEYES, Jason; TOMLINSON, Mark; WHITWORTH, Adam. Underemployment and wellbeing in the UK before and after the Great Recession. *Work, Employment and Society*, London, v. 31, n. 1, p. 71-89, Feb. 2017. DOI: https://doi.org/10.1177/0950017016666199.

JANOTIK, Tomas. Benedictine monasteries from the point of view of happiness economics.  $Economics\ Bulletin, [S.\ l.], v.\ 32, n.\ 2, p.\ 1215-1225, Apr.\ 2012.$  Disponível em: http://www.accessecon.com/Pubs/EB/2012/Volume32/EB-12-V32-I2-P116.pdf. Acesso em: 03 out. 2018.

KAHNEMAN, Daniel. Would you be happier if you were richer? A Focusing Illusion. *Science*, Washington, DC, v. 312, n. 5782, p. 1908-1910, June 2006. DOI: https://doi.org/10.1126/science.1129688.

KAHNEMAN, Daniel. Rápido e Devagar: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KUPER, Simon; SZYMANSKI, Stefan. *Soccernomics*: why England loses; why Germany, Spain, and France win; and why one day Japan, Iraq, and the United States will become kings of the world's most popular sport. New York: Nation Books, 2018.

LOEWENSTEIN, George. The pleasures and pains of information. *Science*, Washington, DC, v. 312, n. 5774, p. 704-706, May 2006. DOI: https://doi.org/10.1126/science.1128388.

MAGNANI, Elisabetta; ZHU, Rong. Does kindness lead to happiness? Voluntary activities and subjective well-being. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, [Amsterdam], v. 77, p. 20-28, Dec. 2018. DOI: https://doi.org/10.1016/j.socec.2018.09.009.

MOSCHION, Julie; POWDTHAVEE, Nattavudh. The welfare implications of addictive substances: a longitudinal study of life satisfaction of drug users. *Journal of Economic* 

Behavior & Organization, Amsterdam, v. 146, p. 206-221, Feb. 2018. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jebo.2017.12.016.

ONUSIC, L. M.; MENDES-DA-SILVA, W. Orgulho de ser brasileiro impacta o nível de felicidade? *Revista de Administração Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 712-731, nov./dez. 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20151488.

OSWALD, A. J. Happiness and economic performance. *Economic Journal*, Cambridge, v. 107, n. 445, p. 1815-1831, Nov. 1997. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1468-0297.1997.tb00085.x.

POTTS, Jacob. Democracy and happiness: a true correlation?. *Journal of Arts & Humanities*, Rockville, v. 5, n. 3, p. 86-92, Mar. 2016. Disponível em: https://theartsjournal.org/index.php/site/article/view/913/459. Acesso em: 02 out. 2018.

POVEY, Richard. The welfare economics of infectious happiness. *Economics Letters*, Amsterdam, v. 133, p. 1-3, Aug. 2015. DOI: https://doi.org/10.1016/j.econlet.2015.05.006.

RIBEIRO, C. A. C. Renda, relações sociais e felicidade no Brasil. *Dados*, [Rio de Janeiro], v. 58, n. 1, p. 37-78, jan./mar. 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/00115258201538.

RIBEIRO, L. L.; MARINHO, E. L. L. Gross National Happiness in Brazil: an analysis of its determinants. EconomiA,  $[S.\ l.]$ , v. 18, n. 2, p. 156-167, May/Aug. 2017. DOI: https://doi.org/10.1016/j.econ.2016.07.002.

RUPRAH, I. J.; LUENGAS, P. Monetary police and happiness: preferences over inflation and unemployment in Latin America. *The Journal of Socio-Economics*, Amsterdam, v. 40, n. 1, p. 59-66, Feb. 2011. DOI: https://doi.org/10.1016/j.socec.2010.08.001.

SMITH, V. L. Adam Smith, scientist and evolutionist: modelling other-regarding behavior without social preferences. *Journal of Bioeconomics*, Berlin, v. 20, n. 1, p. 7-21, Apr. 2018. DOI: https://doi.org/10.1007/s10818-017-9256-9.

STUTZER, A.; FREY, B. S. Does marriage make people happy, or do happy people get married?. *The Journal of Socio-Economics*, Amsterdam, v. 35, n. 2, p. 326-347, Apr. 2006. DOI: https://doi.org/10.1016/j.socec.2005.11.043.

THALER, R. H. *Misbehaving*: a construção da economia comportamental. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

THOITS, P. A.; HEWITT, L. N. Volunteer work and well-being. *Journal of Health and Social Behavior*, Albany, v. 42, n. 2, p. 115-131, June 2001. DOI: https://doi.org/10.2307/3090173.